

CADERNO DE ENTOMOLOGIA



Caderno de Entomologia

HUMBERTO BALLESTEROS

Romance

*Tradução de
Fernando Miranda*



SUMÁRIO

11	Uma libélula
17	Uma mariposa
21	Um vaga-lume
29	Um louva-a-deus
35	Uma borboleta
41	Uma escorpião
47	Uma colmeia
65	Uma joaninha
73	Uma larva
79	Uma barata



Para Evelyn e Agustín



*A arte e a natureza sempre estarão em embate,
até que um vença o outro de tal modo
que sua vitória se una em uma só pincelada, uma mesma linha,
e quem conquiste seja ao mesmo tempo conquistado.*

María Sibylla Merian



Uma libélula

Ultimamente, talvez por estar quase terminando, sente que uma parte do seu corpo pertence também a uma libélula. Uma importante, o coração ou a medula. Alguma coisa pulsante em um lugar vital comum aos dois quando entra no domo em que ela cresce há nove anos, pendurada no ar.

É a única coisa que há no semicírculo branco. Fecha a porta e o barulho reverbera, visível na luz. Pelo contrário, não se ouvem seus passos. Como na cama em que passou a maior parte dos últimos treze anos, no domo está descalço.

Caminha, as mãos nos bolsos do macacão. É o mesmo macacão, surrado e sujo de gesso, vinil, acrílico, laquê e outras coisas mais que Salomé costurou décadas atrás e que desde então, usa para trabalhar. Tremendo na sua quietude, parada no ar sob o domo, a libélula aguarda.

Se detém e a observa, antes de começar. Às vezes gosta de contorná-la, se concentrar e fazê-la girar sem que seja necessário tocá-la. Assim, olhos fechados, pode examinar cada detalhe. Nos anos em que ministrou a oficina de escultura na universidade – foi no México, no Peru? – costumava obrigar os estudantes a passar pelo menos vinte minutos contemplando seu trabalho antes de sujar as mãos. Eram jovens e não sabiam o que estavam fazendo. Alguns se entreolhavam, roíam as unhas, seguravam as risadinhas. Outros se postavam em posição quase marcial, os olhos engravados no seu projeto, se esforçando em ver o mistério que o mestre queria que vissem. Mas não havia mistério. Havia argila, gesso, madeira, ferro, arame, mármore e *papier maché*. Havia cores e texturas. Havia um objeto, e esse objeto executava o nem sagrado nem profano ato, milagroso apenas

por sua simplicidade, de ocupar um espaço. A ideia era que os estudantes aceitassem essa presença. Que a sentissem fora, em seu lugar, alheia à sua mente e ao seu corpo. Que aprendessem a humildade arrebatadora de não serem donos do que tinham escolhido como seu. Sua convicção é que sem compreender isso não é possível esculpir. Por isso, no domo, realiza esse mesmo ritual que costumava repetir diante de todas as suas obras, as maiores e as menores, as definitivas e os experimentos. Mas não lhe escapa a ironia de que a obra-prima em que está há nove anos trabalhando; e não apenas ela, mas também o domo, o macacão e o cinzel, o maçarico, o arame, as bolas de gude, os cabos, os pedaços de isopor e a impressionante coleção de conchas marinhas que compõem o exoesqueleto não existem senão em sua cabeça.

Uma porta se fechou. Não foi a entrada, a cozinha, a sala de jantar, a biblioteca nem nenhum dos banheiros; pela distância e o tipo de barulho sabe que foi o escritório. Conta mentalmente: sessenta e oito. A sexagésima oitava vez que se reúnem no seu escritório, desde seu acidente. Às nove ou às dez da manhã – a única indicação da hora é a intensidade da luz sob as cortinas, e com os anos aprendeu a lê-la, principalmente nos dias enso-larados –, às nove ou às dez da manhã ouviu vozes no corredor e, embora não tenha distinguido as palavras, reconheceu os interlocutores: Tapias, o mordomo, e Nakamura, o colecionador. Desde então se passou mais ou menos uma hora. Terão estado um tempo na sala, falando sobre qualquer coisa: o preço do dólar, esportes, o clima. Enquanto isso terão bebido uísque, servido nos copos de Murano que Salomé escolheu em uma das suas últimas viagens, há quase quinze anos, e agora terão ido ao escritório para discutir a venda.

O desejo de se reacomodar, que nos primeiros meses não lhe dava trégua, o atravessa com o instantâneo fervor de um calafrio. Seu olho aberto pisca. Não pode nem mesmo reter o ar para se acalmar. O respirador impõe-lhe um ritmo de quarenta

inspirações e expirações por minuto; e seu barulho – o sopra da bomba se inflando, o estalo quando fica cheia, o som do ar se esvaziando, o segundo estalo, começa outra vez – ele teve que transformar, através de disciplina mental, em uma segunda forma de silêncio. Senão não poderia viver.

Embora isso não seja correto. O que mais poderia ter feito, além de viver? Qual era a alternativa? Durante treze anos a mesma enfermeira, lerda e de olhos fundos, cujo nome ele ignora porque ela nunca põe o crachá e nunca fala nada, encheu no mesmo canto, três vezes por dia, um tubo de plástico com o mesmo troço branco; e depois desabotoou a camisa do pijama dele, conectou o tubo na válvula que lhe puseram na altura do estômago durante a segunda semana de imobilidade, e esperou com o olhar perdido. Durante treze anos, ela e Cecília, cujo nome ele sabe porque, diferente da outra, fala pelos cotovelos, trocaram as fraldas dele, deram banho, fizeram fisioterapia. Depois o levaram para passear no terraço, Cecília empurrando a cadeira, a outra puxando a caixa do respirador, cujas rodinhas rangiam se arrastando pelo chão e às vezes prendiam no piso. Durante treze anos esse respirador, com a obstinação implacável das máquinas, o obrigou a inalar e exalar quarenta vezes por minuto, enchendo os pulmões de um ar que nos primeiros dias tinha um sabor de bÍlis, ainda que ali no seu apartamento nas montanhas o ar não tivesse sabor nenhum. Durante treze anos esse respirador, e Cecília e a enfermeira sem nome, mas também Tapias, principalmente Tapias, e de vez em quando Nakamura e outros colecionadores – Cristovão?, Kehlmann? – lhe impuseram sem lhe perguntar sua opinião o peso da sua própria vida, a massa indigesta dos segundos, dos minutos, das horas, dos dias, dos anos; mas se lhe tivessem perguntado, como poderia responder? E até que ponto se trata de uma imposição, quando ninguém sabe que, presa no seu corpo imprestável, a sua mente continua intacta? É monstruoso o que estão fazendo

com ele, porém desde a perspectiva de Tapias, a vítima de sua ambição não existe. É um cadáver.

Que tragédia, costumava pensar no início, ser e não ser um cadáver. Perpetuar-se em uma vida carente de vida, alheia a tudo exceto ao sofrimento, nas mãos daqueles que ele teve ao seu redor no último ano da sua carreira e, entre eles, inaceitavelmente, não estava Salomé. Mas depois de quatro anos de inferno, entendeu algo. O quarto com as cortinas sempre fechadas, a cama de casal com ele plantado no meio, a televisão desligada, a lâmpada acesa das nove às cinco por causa das enfermeiras, não dele; o copo de água que Cecília às vezes esquece em cima da mesa de cabeceira, ali a poucos centímetros da sua mãe, inalcançável; a biblioteca, os sapatos no armário, a porta; aquilo não tinha que ser sua prisão. Podia ser o cenário da sua liberdade. Voltou a esculpir.

Acaba de perceber uma coisa imperdoável: se distraiu. Talvez saber que a libélula está quase pronta, e que faltam apenas alguns retoques nas asas, o deixe mais relaxado do que deveria.

Com a facilidade de veterano para de novo na frente da porta fechada do domo. Novamente a abre, atravessa o umbral, a fecha. Novamente caminha sobre a grama em direção à libélula. Como nas outras vezes, sentada na posição de lótus olhando a escultura, Salomé o espera. Veste a mesma coisa de sempre: a camisa dos Stones, jeans e as sandálias que calçava na manhã em que chegou tarde à sua aula de história da arte, no início de 86 ou 87.

- Está ficando bonita
- Menos mal. Nenhuma me tomou nove anos.
- Nenhuma estava feita de nada.
- Já parou para pensar? As libélulas gostam de passar a toda velocidade roçando a água. Se não fosse pelas ondas, quem vê juraria que era um sonho.
- Foi por isso que escolheu uma libélula?

Não responde. Se senta ao lado da sua esposa morta e põe uma das mãos no joelho dela. O sol, que nunca sai do zênite, um círculo ardente no topo do domo, projeta sobre os dois a sombra da escultura.

— Quería – disse ele olhando os jovens seios dela debaixo da camisa – te encontrar um dia desses sem roupa.

— Sério?

— Claro que sim.

— Mentira. Não só já está muito velho para essas coisas, inclusive aqui, na tua cabeça, como se quisesse mesmo de verdade já o teria conseguido.

— E por que, segundo você, minto para mim quando digo a mim mesmo que quero ver teus peitos?

— Por ter se transformado em um especialista em ficar me imaginando, no fundo você sabe que não sou Salomé. Que Salomé está morta.

Ele para de sorrir, mas não tira a mão do joelho dela.

— Por que não a terminou?

— É difícil.

— Não mais difícil de que tudo o que já fez.

— Tenho medo de que não funcione.

— O medo nunca foi o suficiente para te deter, ainda mais quanto fica obsessivo.

— Mas é que não é como qualquer outra. Eu a fiz para voar. Não te veria mais.

— Amor, faz catorze anos que não me vê. Nunca mais vai me ver de novo. Não está me vendo agora. Essa é tua própria voz te dizendo as coisas que você sabe. – Ela lhe dá um beijo na testa e quando se separam, tem lágrimas nos olhos. Eu não sou Salomé.

Ficam um tempo em silêncio.

— Já vão sessenta e oito, sabia?

— Que você não é Salomé, que está na minha cabeça? — replica irritado — Claro que sei. Você não pode saber nada que eu não saiba.

Outro silêncio.

— Não a termina porque não quer.

Ele olha com raiva para ela. Com os olhos limpos de Salomé, ela lhe devolve o olhar. Ele morde os lábios. É a vez de ele chorar?

— Não quer terminar porque a tua vida voltou a ser vida. Voltou a esculpir. Com um gesto ela abarca a cúpula, o sol, a libélula, a grama, seu próprio corpo —. Você poderia continuar aperfeiçoando durante anos. Acrescentar mais esculturas. E é por isso que me dói te dizer que você já não tem tempo. Essa — agora é ela quem põe a mão no joelho dele — é tua própria voz te dizendo as coisas que você sabe. Sessenta e oito reuniões no escritório. Tapias acaba de vender a última das esculturas que tinha em casa. Você já não lhe serve mais. Ele terá que entregar o apartamento para a tua sobrinha, mas com a venda da tua coleção ele tem para muito mais que um apartamento. Enquanto fala, Salomé se desintegra; como se a sua voz fosse um fio que se desprendesse da sua boca, e ela estivesse bordada com esse fio e cada palavra lhe espetasse. Não se despeça. No fim das contas, não está falando comigo. Ele tenta acariciar o rosto dela, seus dedos afundam na pele já quase transparente. Sua mão não sente nada quando os lábios dela a roçam enquanto fala. E agora você vai terminar tua obra-prima. Com o dedo, ela aponta para cima. Me procure no sol.